

TRABALHOS
DE
ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

VOLUME XXV — FASC. 2-4



PORTO

SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

1985

SUMÁRIO

<i>Palavras de Abertura</i> , por Vítor Oliveira Jorge	193
---	-----

ESTUDOS E ENSAIOS

<i>A ocupação do Bronze Final da Citânia de S. Julião, em Vila Verde. Caracterização e cronologia</i> , por Manuela Martins	197
<i>Nuevos datos palinológicos sobre la agricultura prehistórica en Galicia (España)</i> , por M. ^a Jesús Aira Rodriguez e J. M. Vázquez Varela ...	241
<i>Aproximacion a la Prehistoria de Vigo (España)</i> , por José Manuel Hidalgo Cuñarro	253
<i>Las divindades indígenas de la Hispania Prerromana. En pos de una metodología</i> , por Blanca García y Fernández-Albalát	275
<i>Bruxas e bruxos no Nordeste algarvio. Algumas representações da doença e da cura</i> , por Cristiana Bastos	285
<i>Ganado porcino: modalidad de existencia y papel en el seno de una comunidad rural de Galicia (España)</i> , por J. Antonio Fidalgo Santamariña	297
<i>Em torno a la cachupa: una comida típica caboverdeana</i> , por Héctor Blas Lahitte e Marta Maffia de Poteca	327
<i>Livros de devassa e etnotextos</i> , por Belarmino Afonso	347

DOCUMENTOS

<i>Inéditos de Trindade Coelho com interesse etnográfico</i> , por Viale Moutinho	361
---	-----

VÁRIA

<i>Notícia sobre a descoberta de novas pinturas rupestres no dólmen de Fontão (Paranhos da Beira — Seia)</i> , por Eduardo Jorge Lopes da Silva	381
<i>Micrólitos geométricos provenientes de monumentos megalíticos do Norte de Portugal: breve nota</i> , por Vítor Oliveira Jorge	386
<i>A necrópole megalítica da Serra do Alvão</i> , por Domingos J. Cruz	396
<i>Uma fíbula tipo transmontano do povoado de S. Martinho (Castelo Branco)</i> , por Manuel Leitão	407

<i>Alusão a louça comprada em Melides em 1712</i> , por José António Falcão ...	410
<i>O Cante Alentejano</i> , por António Marvão	412
<i>Em torno das implicações do conceito de cultura em Arqueologia</i> , por Vítor Oliveira Jorge	415
<i>Notas de Leitura</i> , por Eduardo Jorge Lopes da Silva e Viale Moutinho ...	419
<i>Ensino: programa de Antropologia Geral da Faculdade de Ciências de Coimbra</i>	423
<i>Notícias</i>	427

ACTIVIDADES DA SPAE

<i>Nota de Esclarecimento</i>	431
<i>Relatório e Contas da Direcção</i>	435
<i>Sessões científicas e conferências</i>	440
<i>Assembleias Gerais</i>	448
<i>Biblioteca</i>	450
<i>Estatutos da SPAE</i>	451
<i>Lista de sócios da SPAE</i>	460
<i>Regulamento da Revista</i>	465

A revista *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* é uma publicação destinada à divulgação e discussão de temas e assuntos nos diferentes domínios da Antropologia, visando os fins estatutários da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. O seu principal objectivo consiste em encorajar e facilitar o desenvolvimento da Antropologia em Portugal, contribuindo, assim, para o seu avanço como ciência.

O conteúdo dos *T. A. & E.* abrange diferentes áreas e especialidades da Antropologia, numa perspectiva actualizada e interdisciplinar. Poderá, assim, inserir artigos e estudos de carácter teórico e metodológico, discussão de problemas actuais da Antropologia, sínteses temáticas, resultados de investigações recentes, além de uma rubrica denominada *Vária* onde terão lugar pequenos textos, notas de leitura, informações de carácter geral e notícias sobre reuniões científicas, nacionais e internacionais. Será, também, meio de comunicação entre a SPAE e os seus membros, publicando, em secção própria, relatos das suas principais actividades (relatórios, resumos das sessões científicas, movimento da Biblioteca, etc.).

A revista encontra-se aberta à colaboração dos membros da Sociedade e de outros investigadores, nacionais e estrangeiros.

A OCUPAÇÃO DO BRONZE FINAL DA CITÂNIA DE S. JULIÃO, EM VILA VERDE

CARACTERIZAÇÃO E CRONOLOGIA

POR

Manuela Martins (*)

INTRODUÇÃO

A importante situação geo-estratégica da citânia de S. Julião, em Vila Verde, em relação à bacia do curso médio do rio Cávado, levou-nos a empreender, entre 1981 e 1985, várias campanhas de escavação, ao longo das quais procurámos estabelecer a sequência de ocupação do povoado, datar e interpretar o seu sistema defensivo e relacioná-lo com as diferentes etapas da vida do povoado.

A concretização destes objectivos implicou a abertura de várias sondagens em diferentes pontos da estação, estratégia de escavação que privilegiou claramente uma leitura estratigráfica e temporal da ocupação do sítio. Esta opção metodológica foi considerada como fundamental e prioritária no âmbito do nosso projecto de investigação, que visa o estabelecimento de um quadro cronológico da evolução do povoamento da bacia do Cávado.

Entre os resultados mais significativos obtidos no estudo deste povoado destacam-se os que se relacionam com a sua primeira fase de ocupação identificada como correspondendo ao Bronze Final.

Apesar de não constituir novidade que grande parte dos castros do NO peninsular deve ter tido a sua origem nessa época (MALUQUER DE MOTES 1975, 256; EIROA 1980, 71-84; CALO LOURIDO e SIERRA RODRIGUEZ 1983, 19-85; ALMEIDA 1983, 70-74; SILVA 1983-84,

(*) Assistente da Universidade do Minho.

121-129), a verdade é que os elementos publicados até à data, relativos a esse momento da Proto-história da região, são bastante escassos e dispersos, não permitindo ainda uma visão clara sobre os contextos culturais, ou as características dessa ocupação.

A divulgação de alguns dos dados relativos à ocupação do Bronze Final da citânia de S. Julião, parece-nos pois ser, neste contexto, bastante oportuna.

A importância destes dados releva, por conseguinte, não de uma novidade, em termos de cronologia da ocupação dos castros, mas das particularidades que permitiram detectar e estudar o núcleo primitivo do povoado de S. Julião, bem como as características que este revelou.

Com efeito, foi possível delimitar com precisão a área funcional do povoado no Bronze Final, estudar a sua estrutura defensiva e o tipo de estruturas habitacionais que o caracterizam e obter ainda um volume significativo de achados cerâmicos e metálicos, que permitem dar coerência a alguns aspectos da vida material desta comunidade.

Por outro lado, as duas datas absolutas, obtidas por radiocarbono, uma para a construção da fortificação e outra, para um dos níveis de ocupação de uma das cabanas escavadas (MARTINS 1986, 159-160), constituem um contributo importante para o estudo da primeira fase de ocupação dos castros do Norte de Portugal.

A ESTAÇÃO: GEOMORFOLOGIA E LOCALIZAÇÃO

Situado na margem direita do rio Homem, poucos quilómetros a montante da confluência daquele curso de água com o Cávado, o monte de S. Julião possui uma posição estratégica assinalável no relevo da região (Est. I).

Geomorfologicamente, o monte corresponde ao extremo de uma crista montanhosa, de orientação NE/SO, que descendo da Serra Amarela, paralela ao Homem, vem precisamente morrer no cabeço de S. Julião.

As suas vertentes norte, oeste e sul pendem abruptas sobre o vale e dão ao monte uma configuração cónica, quando visto de Norte, ou de Oeste. A vertente este, é mais suave, esbatendo-se em desníveis sucessivos, que correspondem às plataformas do povoado.

O monte encontra-se assim virado ao vale e controla, quer vasta extensão da larga e fértil bacia do Homem, quer ainda da bacia do Cávado. No entanto, as suas características de esporão, asseguram-lhe boas defesas naturais, inexistentes apenas a NE, onde o cabeço entronca nos restantes relevos do cordão montanhoso.

Na base das vertentes leste e sul correm diversos subafluentes do rio Homem. No sopé das vertentes norte e oeste, dominam os afluentes da ribeira do Loureiro, também ligada à rede hidrográfica daquele rio.

Geologicamente o monte integra-se na mancha de granitos porfiróides, de grão médio, ou fino a médio, característicos da região de Braga (TEIXEIRA *et al.* 1975). O substrato rochoso aflora à superfície na parte mais alta da estação, onde se regista uma imponente massa de blocos graníticos.

Nas encostas, observa-se um solo de espessura variável, tipo ranker atlântico, actualmente coberto por vegetação rasteira de herbáceas e gramináceas. Apenas na parte mais baixa das vertentes existem manchas de pinheiros e de eucaliptos.

A propriedade do monte está repartida actualmente pelas freguesias da Ponte de S. Vicente e do Coucieiro, ambas no concelho de Vila Verde, no distrito de Braga.

As coordenadas geográficas do sítio, medidas do seu ponto mais alto, que regista 297 m de altitude, são, segundo a folha n.º 42 da carta 1:25.000 dos S.C.E., as seguintes: 41° 41' 15" Lat. N; 0° 41' 14" Long. E de Lx.

BREVE HISTÓRIA DAS PESQUISAS

A citânia de S. Julião é conhecida desde o século XIX por referências bibliográficas sumárias (COSTA 1868, 211; LEAL 1874, 44; BELINO 1909, 6; FONTES 1919, 198-210).

Na década de 30 deste século a estação foi objecto de escavações, relativamente extensas, realizadas pelo P.º João de Freitas, pároco da vizinha freguesia de Caldelas, pertencente ao concelho de Amares. Como resultado desses trabalhos foram postas a descoberto duas amplas áreas residenciais, em duas plataformas da vertente leste do monte (FREITAS 1971, 133-138), onde actualmente se observam vários conjuntos de habitações circulares, algumas com vestíbulo e outras de planta mais irregular, que correspondem ao reaproveitamento de estruturas anteriores.

As características destas estruturas bem como a parte do espólio procedente das escavações recolhido no Museu Pio XII, de Braga, demonstram uma intensa romanização destes sectores do povoado (ALARCÃO 1958, 281-282, 298, 300-301), que aliás tivemos oportunidade de confirmar nas sondagens que realizámos nessa vertente, uma delas já publicada (MARTINS 1984, 11-27).

Entre os objectos expostos naquele museu dados como provenientes da citânia, destacam-se três peças em bronze: um fragmento de um machado,

provavelmente de talão; uma ponta de lança de alvado, fragmentada e um pequeno machado também de alvado (KALB 1980, 20 e 38; COFFYN 1982, carta 42). Embora se desconheçam as circunstâncias em que estas peças foram encontradas, elas sugeriam uma ocupação do povoado numa época anterior à Idade do Ferro.

Foi no decorrer da escavação de uma sondagem realizada nos limites do tabuleiro superior da estação, entre 1982 e 1983, que detectámos estruturas e espólio que poderiam ser culturalmente correlacionados com aqueles objectos. Posteriormente, foi possível delimitar com precisão a área ocupada pela comunidade do Bronze Final, que se instalou no monte de S. Julião.

Na sondagem referida, designada por corte 1 do Sector B (Est. II), que abrangeu uma área de 18 m de comprimento por 5 de largura máxima, foi identificada uma estrutura defensiva, constituída por um talude de terra e pedra e por um fosso exterior, escavado na arena granítica. As duas estruturas, que se dispõem em arco de círculo, cinturando a pequena plataforma superior do monte, delimitam uma área residencial que foi sondada nos anos posteriores.

Em 1984, foi aberto o corte 2 do Sector B (Est. II), que abrangeu uma área com 8 m de comprimento por 3 de largura. Este corte foi implantado no limite norte do tabuleiro, perto da capela. Aí foi observada uma interessante sequência estratigráfica que se desenvolve ao longo de 2 m de altura de sedimentos. Esta sequência regista vários momentos de ocupação da plataforma, todos eles atribuíveis ao Bronze Final. Apenas ao nível da camada humosa foi possível encontrar um escasso número de fragmentos de cerâmica, que foi inserido numa fase adiantada da Idade do Ferro.

Em 1985 uma outra área do mesmo sector viria a ser intervencionada, desta vez localizada numa zona contígua ao lado interno do talude defensivo. Esta sondagem, designada por corte 3 (Est. II), pretendeu confirmar a estratigrafia observada no corte 2 e obter elementos para caracterizar as estruturas habitacionais do povoado, relacionando-as directamente com a estrutura defensiva.

CARACTERIZAÇÃO DO POVOADO DO BRONZE FINAL

1. Implantação

O núcleo do povoado do Bronze Final de S. Julião ocupa o extremo SO do esporão, que se localiza no cume do monte e que se desenvolve no sentido NE/SO (Ests. II e III).

Os limites da pequena acrópole correspondem aproximadamente às curvas de nível de 288 e 290 m. Esta possui uma configuração elíptica, medindo cerca de 30 m de comprimento por 20 m de largura.

A massa de afloramentos rochosos, existente nos extremos noroeste, oeste e sudeste da plataforma, constitui um limite natural do povoado nesses sectores, bem defendidos pelo escarpado das vertentes. A Norte, Este e Sul foi construída uma linha defensiva, que ajudou a formar o pequeno tabuleiro, destacando-o do resto do esporão, que regista um certo pendor para NE (Ests. III e IV).

As várias sondagens realizadas na plataforma superior, já fora do recinto fortificado, permitiram-nos identificar alguns achados cerâmicos, relacionáveis com a ocupação do Bronze Final. No entanto, esses achados ocorrem de forma esporádica, em níveis de aterro, ou misturados com cerâmicas de períodos mais recentes da ocupação do monte, como é o caso do corte 4 (Est. II). Apenas na área exterior, contígua à fortificação (corte 1), foi observada, nas camadas inferiores, uma certa densidade de materiais correlacionáveis com a ocupação da acrópole, o que permite supor uma utilização mais intensa deste sector pelos habitantes do povoado.

Todavia, o facto de termos apenas registado vestígios de habitação no interior do espaço fortificado, sugere-nos que este constituiria a área nuclear do habitat, pelo que a presença de materiais atribuíveis ao Bronze Final, fora do recinto, deve justificar-se mais pela circulação dos seus habitantes, do que por uma ocupação propriamente dita.

2. Estrutura defensiva

A pequena área habitacional do povoado encontra-se delimitada por uma estrutura defensiva formada por um talude de terra e por um fosso exterior, escavado na arena granítica. As duas estruturas possuem uma configuração nitidamente circular, parecendo cinturar a área este e sudeste do povoado, onde as defesas naturais são inexistentes (Est. III-1).

O talude assenta numa camada estéril, de terra cinzenta, argilosa, que cobre a arena granítica. A parte superior da camada, que parece corresponder a um paleosolo, estava definida por um nível de carvões e cinzas, que julgamos poder atribuir a uma queimada, para limpeza da vegetação.

A parte conservada do talude regista cerca de 1,50 m de altura, por 5 m de largura máxima (Est. VI). Corresponde a uma estrutura maciça de terra, formada pela sobreposição de várias camadas, alicerçadas com grandes blocos graníticos, dispostos de forma mais ou menos irregular,

mas concentrados na periferia do talude, junto ao fosso. Aparentemente serviriam, não só para dar maior consistência à estrutura, mas também para evitar o escorregamento de terras para o fosso.

A parte superior do talude é formada por uma espessa camada de arena, bastante dura, que reveste toda a estrutura, conferindo-lhe o aspecto de uma calote (Est. VI).

O lado interno foi rematado por um murete de pedras, de talhe e dimensões irregulares, encajado nas próprias terras do talude (Est. IV-1).

No lado exterior, a estrutura confina com um fosso. Este tem uma secção em U, bastante aberto e regista uma profundidade de cerca de 1,80 m e uma largura máxima de 2,20 m (Est. VI). A abertura do fosso cortou a camada estéril, cinzenta, que já referimos e sobre a qual assenta o talude.

As duas estruturas devem ter sido construídas simultaneamente, sendo provável que o saibro, que compõe a camada de revestimento do talude, seja originário do desaterro do fosso.

3. Estruturas habitacionais

No corte 2 registámos apenas vestígios de uma possível cabana, correspondente à 1.^a fase de ocupação aí observada e da qual apenas foi escavada uma parte pouco significativa. A estrutura aparece definida por um conjunto de pedras, dispostas entre dois grandes afloramentos rochosos existentes no local, parecendo constituir um alicerce. Com a estrutura estão relacionados dois solos de argamassa: A1 e A2 (Est. VII).

No corte 3, aberto no lado interior do povoado, na zona contígua ao talude, foram definidos os limites de duas estruturas de habitação, parcialmente encostadas uma à outra. No entanto, nenhuma delas foi integralmente escavada (Est. IV-1 e 2).

Correspondem a estruturas muito simples, limitadas por aros de pedra de talhe muito irregular, assentes na terra. Dispõem-se em arco de círculo e deveriam constituir os alicerces de cabanas, feitas com materiais perecíveis. Com efeito, as pedras não chegam a formar qualquer parede, parecendo antes indicar um simples suporte, ou limite das construções.

A parte escavada destas estruturas revelou várias pavimentações, algumas delas cobrindo restos de níveis de ocupação anteriores. Os solos, por vezes bastante espessos, são formados por saibro e argila endurecidos, provavelmente por acção do fogo. Alguns deles conservam vestígios de lareiras (Est. V-1 e 2).

A área escavada da cabana 1, embora não corresponda à totalidade da estrutura, permite considerar que ela não ultrapassaria os 5 m de diâmetro. A parte descoberta da cabana 2 é demasiado pequena para permitir qualquer estimativa da sua dimensão.

Na zona periférica das cabanas, sobretudo no espaço situado entre estas e o talude, e ao mesmo nível dos solos das estruturas, encontrámos várias camadas de tipo detritico, que parecem relacionar-se com a sua ocupação.

No corte 3 foram ainda identificados vestígios de dois outros pavimentos, correspondentes a solos de duas outras habitações, que assentam na camada de abandono das cabanas 1 e 2. No entanto, estes solos são excêntricos em relação às estruturas anteriores, parecendo indicar um reordenamento do espaço habitacional do povoado.

Os dois pavimentos possuem também uma configuração circular e são feitos, tal como os anteriores, de barro e saibro endurecidos. O solo B, mais antigo que o solo A, possuía restos de uma lareira e um buraco de poste, definido por três pedras encravadas verticalmente no próprio solo.

Os materiais arqueológicos relacionados com a ocupação destes dois pavimentos mantêm as mesmas características dos que foram exumados nas camadas anteriores, pelo que podem ser inseridos no mesmo período cronológico e cultural.

4. Estratigrafia e fases de ocupação

Os resultados obtidos na escavação dos cortes 2 e 3, que constituíram meras sondagens da área residencial do povoado, permitiram-nos estabelecer uma sequência de ocupação apenas válida para este sector do monte e que se restringe ao Bronze Final. Estas sondagens deverão vir a ser alargadas num futuro próximo, a fim de se obter uma caracterização do habitat mais correcta, bem como uma leitura mais fina da distribuição espacial dos vestígios conservados.

A ausência de materiais indicadores de uma ocupação da Idade do Ferro neste sector do monte, bem testemunhados noutras zonas, nomeadamente na sua vertente leste e que em princípio se deveriam sobrepor aos níveis do Bronze Final, podem ser explicados pelas destruições ocorridas no tabuleiro superior, quando foi construída a capela. Com efeito, temos informações de que o recinto foi terraplanado e nivelado, o que terá provocado o desmantelamento dos níveis de ocupação mais recente deste sector.

No corte 2 foi observada uma importante sequência de ocupação, que se desenvolve sobre uma camada estéril de terra cinzenta, assente na arena granítica (c.Ia) A camada possui as mesmas características daquela que foi encontrada no corte 1, sob o talude e também sob a ocupação do corte 3.

Esta sequência de ocupação foi dividida, de acordo com as estruturas e camadas observadas, em 3 fases distintas (Est. VII).

A 1.^a fase está representada pela estrutura A, que considerámos poder corresponder a uma cabana. Com ela estão relacionados dois pavimentos (A1 e A2) e dois níveis de ocupação (Ib e Ic). O pavimento mais antigo, possuía vários buracos de poste e uma pequena fossa que cortou o solo (Est. VII).

A 2.^a fase de ocupação está definida pela construção da estrutura B, observada numa pequena zona do corte, sendo contemporânea da sua utilização. Trata-se de um muro feito com pedras, de talhe e dimensões irregulares, assentes umas sobre as outras. No lado interno conservou-se parte da face da estrutura. No lado externo, os seus limites são imprecisos, pois a estrutura foi parcialmente destruída pela construção da muralha da Idade do Ferro (est. C) (Est. VII).

A estrutura B parece ter funcionado como muro de suporte de terras, sendo contudo provável que tenha tido outras finalidades, podendo mesmo ter servido como estrutura de defesa. Com ela estão relacionadas duas camadas distintas (IIa e IIb) e um pavimento de saibro batido (B1) (Est. VII).

A 3.^a fase de ocupação é posterior ao abandono da estrutura B e está representada pela camada IIIa, que cobre o solo 1, pela camada IIIb, relacionada com o solo 2 e pela camada IIIc, que assenta no solo 3.

A estrutura C corresponde à muralha da Idade do Ferro, que recobre a estrutura B, reaproveitando parte do seu material pétreo. Possui apenas uma face externa, de pedra faceada. O lado interno da estrutura encosta por sua vez às camadas de ocupação anteriores, cortadas para esse efeito. Apenas as camadas superficiais, bastante revolvidas, parecem ser posteriores a esta construção e apresentam, quer cerâmicas do Bronze Final, quer outras já características da Idade do Ferro.

No corte 3 observámos uma sequência de ocupação com características diferentes da do corte 2, igualmente dividida em 3 fases, de acordo com as estruturas e os solos detectados.

A fase mais antiga foi observada numa área reduzida do corte, onde tivemos oportunidade de escavar até à camada de arena granítica. Aí encontrámos a mesma camada cinzenta estéril, detectada no corte 1, sob o talude e na base do corte 2. As camadas relacionadas com esta fase foram designadas por IVa e IVb, tendo a dividi-las 2 solos de saibro batido (Est. VIII).

A 2.^a fase de ocupação encontra-se representada pela construção das cabanas 1 e 2 e pelos seus diferentes pavimentos. O pavimento C1 corresponde ao último solo da cabana 1 e é sobreposto pela camada IIIa, que possui características de nível de ocupação. Existe ainda um outro pavimento mais antigo, o C2, caracterizado por uma espessa camada de argamassa esbranquiçada, que se sobrepõe a um denso leito de pedras. Este primeiro pavimento conservava também restos de um nível de ocupação, definido pela camada IIIb (Est. VIII).

Na cabana 2 foi observada uma sequência de três solos D1, D2 e D3 cobertos por finos níveis de ocupação III¹a, III¹b e III¹c. A esta fase pertencem ainda as camadas IIId e IIIe, que se dispõem entre as cabanas e o lado interno do talude. Estas camadas possuem características manifestamente detríticas, não só testemunhadas pelo elevado número de fragmentos cerâmicos que forneceram como ainda pela abundância de carvões e de cinzas.

A uma 3.^a fase, mais recente, correspondem os dois solos de argamassa (A e B), pertencentes a estruturas posteriores ao abandono das cabanas da fase 2. Com estes solos estão relacionadas as camadas IIa e IIb (Est. VIII).

O pavimento A, mais moderno, deveria associar-se a uma estrutura cujos limites não foram identificados na pequena área intervencionada. O pavimento B, era sobreposto pela camada IIb, que cobria exclusivamente o pavimento e que foi interpretada como nível de ocupação e abandono. A camada IIa deve assinalar um nível de ocupação exterior ao pavimento.

A escavação deste corte permitiu ainda assinalar a presença de parte de uma sepultura, em caixa, feita com pequenas lages, datável da Alta Idade Média. Com esta estrutura relacionam-se as camadas Ia e Ib, que compõem o enchimento da vala aberta para a sua implantação.

A comparação do espólio cerâmico exumado nas camadas dos dois cortes revelou grande homogeneidade, quer no que respeita ao conjunto do material das três fases, quer comparando cada uma das fases de cada corte entre si. Pensamos, por isso, poder correlacionar as duas sequências observadas, ainda que as zonas abrangidas pelos cortes possam corresponder a áreas funcionais diferenciadas.

Assim, e sem prejuízo de futuras interpretações, resultantes da escavação da área situada entre as duas sondagens em questão, podemos admitir, por ora, que as fases observadas nos dois cortes se possam equivaler em termos cronológicos.

5. Espólio

A escavação dos cortes 2 e 3 forneceu abundante espólio cerâmico, razoável número de objectos líticos e dois pequenos punhais de bronze.

5.1. Cerâmica

A cerâmica dos dois cortes referidos será apresentada em conjunto, uma vez que se revela bastante homogénea, quer em termos técnicos, quer morfológicos ⁽¹⁾.

A cerâmica é toda feita à mão, bem cozida e possui bom acabamento, quase sempre realizado por alisamento mais ou menos intenso das superfícies, ou mesmo por polimento.

Do ponto de vista técnico os fragmentos analisados podem ser agrupados em duas grandes categorias: cerâmica grosseira e cerâmica fina.

Ao grupo da cerâmica grosseira pertence o maior número de fragmentos exumados, sempre maioritário em todas as camadas observadas. Estes registam pastas grosseiras, que incluem feldspatos e abundantes grãos de quartzo, de pequeno e médio calibre, quase sempre com arestas vivas, acrescentados à argila, como desengordurante. A presença de mica é pouco significativa. Aparece em pequena quantidade e está reduzida a finíssimas partículas, sugerindo que estaria incorporada na própria argila. Muitos fragmentos revelaram também a presença, nas pastas, de restos de matéria orgânica carbonizada.

As paredes destes fragmentos são quase sempre bastante grossas. As suas dimensões mais frequentes situam-se entre os 8 e os 12 mm. As superfícies apresentam sinais de alisamento, por vezes bastante intenso. Nalguns fragmentos de grandes vasos assinalámos a técnica de acabamento designada por «a cepilla» (Ests. X, n.º 6 e XIII, n.º 15), bastante frequente nas cerâmicas do Bronze Final e da I Idade do Ferro de outras regiões peninsulares (ALMAGRO-GORBEA 1977, 135-136; DELIBES DE CASTRO *et al.* 1984, 102).

As características e o volume dos fragmentos incluídos no grupo da cerâmica grosseira, permitem considerar que pertencem de um modo geral

(1) Na descrição das características das pastas e da morfologia dos recipientes, servimo-nos de critérios, que geralmente são seguidos no estudo da cerâmica do mesmo género (DEDET e PY 1975; LLANOS e VEGAS 1974, 265-313), que adaptámos, contudo, ao tipo de trabalho em causa.

a grandes recipientes, pelo que é possível admitir que estas vasilhas constituíam a base fundamental da louça deste período, hipótese igualmente sugerida pela elevada percentagem de bordos de grandes peças.

Pela observação das zonas de fractura podemos constatar que grande parte dos vasos foram executados pela sobreposição de tiras de argila, ligadas entre si pelo repuxamento das superfícies e pelo alisamento das mesmas.

A grande maioria dos fragmentos classificados dentro desta categoria regista sinais de ter pertencido a recipientes de ir ao lume, assinalando, ou manchas negras na superfície externa, ou mesmo uma capa mais ou menos espessa de fuligem, que cobre a parte exterior das peças. Muitos bordos possuem também essa mesma capa no lado interno, o que sugere o contacto directo desta zona com a chama.

No grupo da cerâmica fina incluímos um número bastante mais reduzido de fragmentos, que registam boa qualidade de fabrico. Esta resulta da natureza da pasta, que é sempre bastante mais fina que a do outro grupo. O desengordurante, regra geral bastante miúdo e bem distribuído, é composto essencialmente por quartzo. A reduzida espessura das paredes, que não ultrapassa em geral os 6 mm e o bom acabamento das peças, quase sempre obtido por forte polimento das superfícies, são características que ajudam a distinguir facilmente este grupo de cerâmica. As pastas destes fragmentos possuem geralmente uma maior quantidade de partículas de mica.

Os fragmentos de cerâmica fina pertencem a recipientes mais pequenos, aparentemente construídos de modo diferente das peças grandes. Tudo leva a crer que estes tenham sido modelados a partir de um único bocado de argila.

Apesar do elevado número de fragmentos exumados na escavação dos dois cortes, só foi possível reconstituir perfis completos de peças de pequenas dimensões, nomeadamente de potinhos e de taças.

No entanto, o número significativo de fragmentos de bordos, por vezes com boa parte do bojo, permitiu-nos ensaiar uma sistematização das formas de louça presentes no povoado de S. Julião.

A. Formas

Morfológicamente os recipientes podem ser divididos em dois grandes grupos: recipientes fechados (formas 1, 2, 3 e 4) e recipientes abertos (formas 5, 6 e 7) (Fig. 1).

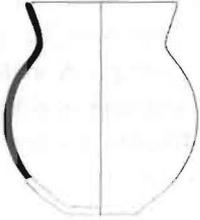
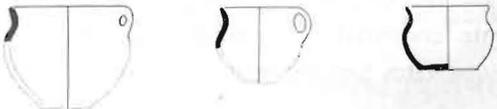
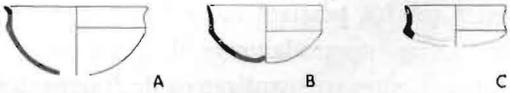
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	

Fig. 1 — Quadro das formas cerâmicas encontradas nos cortes 2 e 3.

As três primeiras formas podem ser genericamente classificadas como potes e parecem ter-se adaptado a diferentes funcionalidades. No entanto, verificámos que os fragmentos de peças integrados na forma 1 possuem sempre as superfícies alteradas pelo fogo, sugerindo, por conseguinte, a sua exclusiva utilização como recipientes de cozinha. Pelo contrário, as formas 2 e 3 parecem bastante menos especializadas, uma vez que encontramos, quer fragmentos pertencentes a essas formas com vestígios de utilização sobre o lume, quer sem eles, podendo portanto fazer parte de peças para armazenagem, ou transporte.

Estas formas revelam dimensões bastante variáveis. Tendo em conta apenas o diâmetro da boca, assinalámos a presença de peças médias: 9-19 cm; grandes: 19-25 cm e muito grandes: < 25 cm.

A forma 4 compreende, quer potinhos, quer púcaros. Basicamente estas duas categorias funcionais apenas se podem distinguir pela presença ou não de asas. No entanto, considerando que raramente possuímos as peças inteiras, não podemos facilmente atribuir os fragmentos analisados a uma ou outra categoria. Preferimos assim considerá-las como a mesma forma. Morfologicamente a forma 4 não difere da forma 2, apresentando ambas um perfil em S, mais ou menos acentuado. No entanto, uma vez que se trata de peças pequenas e médias, com diâmetros sempre inferiores a 15 cm, possuindo um fabrico diferente, quase sempre de boa qualidade, julgamos mais correcto considerá-las como uma forma distinta.

A forma 5 integra todas as taças de perfil carenado que foram encontradas. Estas peças são sempre de fabrico cuidado, com superfícies muito bem alisadas, ou mesmo polidas.

A forma 6, pouco frequente, foi classificada como malga. Os fragmentos integrados nesta categoria são todos de fabrico grosseiro e registam superfícies bastante irregulares.

A forma 7 está testemunhada por um único fragmento de uma peça bastante aberta classificada como prato. O seu fabrico permite incluí-la no grupo da cerâmica fina.

A análise das pastas dos fragmentos atribuídos a estas diferentes formas permite considerar que as formas 1, 2, 3 e 6 possuem sempre pastas grosseiras. As formas 4, 5 e 7 registam quase sempre pastas de boa qualidade devendo, por isso, ser consideradas na categoria da cerâmica fina.

Forma 1: Pote com pança ovóide; bordo ligeiramente reentrante, no prolongamento da pança, ou ligeiramente esvasado; ombros quase direitos, convergentes; lábios arredondados ou rectos horizontais (Ests. IX e X, n.^{os} 1 a 7).

Forma 2: Pote com perfil em S mais ou menos acentuado; pança esférica; colo bem marcado, por vezes incipiente; lábios arredondados ou rectos horizontais; pode possuir asas em tira, colocadas entre a parte alta da pança e o bordo (Ests. X a XII, n.ºs 8 a 14).

Forma 3: Pote de pança esférica, com o colo curto, por vezes inexistente, quando o contacto pança/bordo é anguloso; bordos direitos divergentes; lábios arredondados, ou rectos horizontais (Est. XIII, n.ºs 15 e 16).

Forma 4: Potinho/púcaro de perfil em S mais ou menos desenvolvido; colo bem marcado quando o bordo se contracurva, ou pouco acentuado, por vezes mesmo inexistente, quando o contacto pança/bordo é anguloso; lábios arredondados ou adelgaçados; os púcaros possuem uma ou duas asas, colocadas entre a parte alta da pança e o lábio, regra geral de secção rectangular e mais raramente moldurada na superfície exterior (Est. XV, n.ºs 23 a 25).

Forma 5: Taça de perfil carenado; a carena pode ser alta (A), média (B), ou baixa (C); os bordos podem ser esvasados, ou verticais; os lábios são arredondados, ou adelgaçados e mais raramente em pequena aba soerguida; os fundos são umbilicais, ou esféricos (Est. XIV, n.ºs 17 a 22); por vezes sobre a carena encontram-se mamilos, com perfuração vertical (Est. XV, n.ºs 26 e 27).

Forma 6: Malga de pança esférica; bordo no prolongamento da pança; lábio arredondado, ou adelgaçado (Est. XV, n.º 28).

Forma 7: Prato muito aberto; paredes direitas divergentes; bordo boleado, ligeiramente esvasado (Est. XV, n.º 29).

A distribuição destas formas nas camadas dos cortes 2 e 3 é bastante semelhante. Uma vez que nenhuma forma parece particular de qualquer das camadas, ou mesmo de qualquer fase, é impossível considerar a existência de níveis com características específicas.

Dado que o número de fragmentos por camada, é por vezes bastante pequeno, decidimos apresentar a cerâmica por fases, de modo a obter amostragens mais significativas.

A distribuição das formas pelas diferentes fases consta da figura 2, podendo ser melhor compreendida pela observação da figura 3.

Em termos globais a diferença fundamental entre os valores fornecidos pelos dois cortes analisados resulta da presença da forma 6 em todas as fases do corte 2, enquanto que no corte 3 ela apenas aparece na 3.ª fase e mesmo aí pouco representada. Esta diferença parece-nos, no entanto, pouco significativa se tivermos em conta a semelhança das amostragens das outras formas, entre os dois cortes. Também a existência da forma 7, apenas no corte 2 (3.ª fase), não parece ter grande relevância, uma vez

que se trata apenas de um fragmento. A baixa frequência destas duas formas, representadas apenas por 15 fragmentos no corte 2 e por 2 no corte 3, num total de 276 peças estudadas nos dois cortes, pode aliás resultar da dificuldade em classificar este tipo de recipientes, sobretudo quando os seus bordos são demasiados pequenos.

FORMAS	CORTE 2			CORTE 3		
	1.ª FASE	2.ª FASE	3.ª FASE	1.ª FASE	2.ª FASE	3.ª FASE
1	46 %	38 %	34 %	50 %	42 %	36 %
2	11 %	17 %	16 %	20 %	19 %	10 %
3	4 %	10 %	7 %	10 %	11 %	10 %
4	18 %	10 %	16 %	10 %	11 %	15 %
5	14 %	15 %	20 %	10 %	17 %	23 %
6	7 %	10 %	6 %	—	—	5 %
7	—	—	1 %	—	—	—

Fig. 2 — Tabela das % das formas representadas nos cortes 2 e 3.

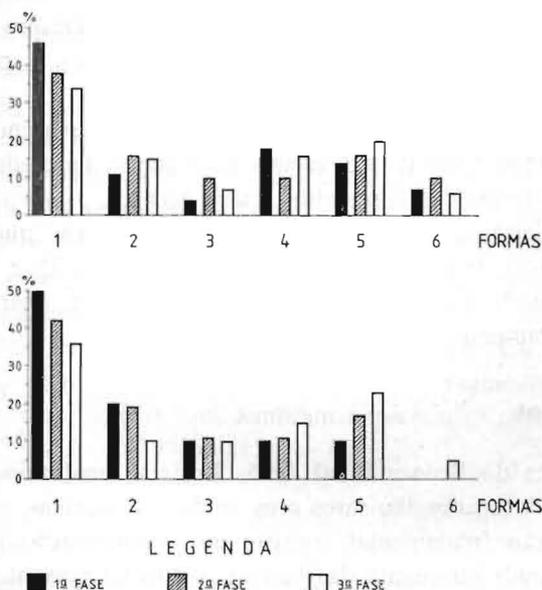


Fig. 3 — Histogramas comparativos das formas cerâmicas encontradas nos dois cortes.

Parece-nos interessante chamar a atenção para as tendências reveladas pelas formas mais comuns, nomeadamente a forma 1 (potes) e a 5 (taças carenadas). Enquanto que a forma 1 tem uma manifesta tendência para diminuir a sua representatividade nos dois cortes, as taças carenadas aumentam em termos percentuais.

As restantes formas parecem manter-se mais ou menos estáveis, ou então sofrer ligeiras alterações entre uma fase e outra, sem se poder, todavia, considerar que existe uma clara tendência no seu comportamento.

Em ambos os cortes a forma 1 é sempre a mais representada, sendo a sua presença ainda mais significativa no corte 3. Embora com valores bastante mais baixos, seguem-se as formas 5 (taças) e 4 (potinhos/púcaros).

A forma 3 constitui apenas 8 % do total das peças estudadas nos dois cortes, sendo a variante de pote menos utilizada.

Considerando as cinco formas principais (1 a 5) verificamos que o conjunto dos potes (formas 1, 2 e 3), que corresponde basicamente à louça grosseira do povoado, constitui cerca de 64 % das peças estudadas, enquanto que a louça fina (formas 4 e 5) está apenas representada em 36 %, do total de fragmentos analisados.

B. Bases

Os fragmentos de bases exumados correspondem maioritariamente a bases de fundo plano e registam variadas dimensões. Devem ter pertencido predominantemente a recipientes médios, ou grandes e possuem quase sempre pastas bastante grosseiras.

É reduzido o número de fragmentos de bases pertencentes a peças finas. Constatámos, todavia, a presença de algumas bases de fundo plano, que podem ser atribuídas a potinhos, ou a púcaros.

Especial destaque merecem os fundos umbilicais, que parecem ter pertencido a taças de perfil carenado (Est. XVI, n.^{os} 35 e 36). Este tipo de bases, revelando em geral pastas de boa qualidade, aparecem nos dois cortes, exclusivamente nas duas últimas fases.

C. Decorações

A cerâmica do Bronze Final de S. Julião é predominantemente lisa. Os fragmentos decorados são raros e os motivos e técnicas, pouco variados.

A decoração fundamental consiste na ornamentação dos lábios dos potes e muito mais raramente das panças, sendo interessante constatar que a categoria de recipientes assim decorados corresponde a peças usadas sobre o lume. No entanto, não encontramos qualquer preferência evidente

por nenhuma das três formas de potes. O facto de termos observado a existência de um maior número de bordos decorados de potes da forma 1, não nos parece em si muito significativo, uma vez que se trata da forma mais representada. No entanto, existem também bordos pertencentes às formas 2 e 3 com lábios decorados (Ests. XII, n.ºs 12 e 14 e XIII, n.º 15).

Na decoração dos lábios dos potes distinguimos duas técnicas diferentes: a incisão e a impressão.

A incisão revela duas variantes principais. Existem incisões oblíquas, mais raramente direitas, feitas com objecto de gume afiado, que produzem um efeito decorativo caracterizado por finos golpes, regra geral bastante irregulares (Est. XI, n.º 10). A incisão pode ainda ter provocado a remoção de parte da pasta, obtendo-se então um lábio serrilhado.

A decoração por impressão é menos frequente e parece ter sido obtida por digitação (Est. XIII, n.º 15).

Algumas das peças com lábios ornamentados apresentam também a parte alta da pança, ou a base do colo, decorados com as mesmas técnicas (Est. XII, n.º 12).

Com excepção destas decorações, que são específicas dos potes, encontramos apenas um número muito reduzido de fragmentos decorados, agrupáveis em três categorias, de acordo com o tipo de ornamentação: cerâmica com mamilos; cerâmica com decoração brunida e cerâmica com decoração tipo «Baiões».

Foram encontrados apenas sete fragmentos de cerâmica com mamilos, nenhum deles com forma. Estes dispõem-se em geral sobre a pança e dadas as características técnicas das pastas dos fragmentos, deveriam corresponder, ou a malgas, ou a pequenos potes.

O número de fragmentos decorados com sulcos brunidos é igualmente bastante escasso. As suas dimensões são demasiado pequenas para permitirem considerar o tipo de recipientes aos quais pertenceriam. No entanto, todos eles possuem pastas de boa qualidade, com desengordurante fino e superfícies bem polidas, pelo que deve tratar-se de uma decoração usada sobretudo em pequenos recipientes de fabrico cuidado (Est. XVI, n.º 38).

Apenas no corte 2 registámos a presença de fragmentos de cerâmica decorados com finas incisões, que lembram a decoração designada por tipo «Baiões» (Est. XVII, n.ºs 39 a 41).

5.2. Líticos

A escavação dos cortes 2 e 3 forneceu abundantes achados líticos que se podem agrupar em três categorias: seixos rolados; fragmentos de seixos, ou de rochas e utensílios.

Os seixos rolados, de diferentes dimensões, bastante frequentes em quase todos os níveis dos dois cortes, devem ter sido trazidos, quer das margens do Homem, quer de outros ribeiros próximos. Estes seixos parecem ter constituído a grande fonte de matéria-prima para a execução de boa parte dos utensílios. São também abundantes os fragmentos de seixos e de rocha, que podem assinalar produtos residuais do fabrico de peças.

Para além de seixos de granito, quartzite e de quartzo, assinalamos ainda a presença de raros fragmentos de xisto.

Os utensílios líticos mais frequentes, que aparecem em grande quantidade, sobretudo nos níveis de ocupação do corte 3, são as pequenas mós de vai-vém, com a superfície superior abaulada e muito polida.

Seguem-se os pesos, feitos com seixos rolados, de variadas dimensões, quer de granito, quer de quartzite, executados por simples truncaturas realizadas nos seus lados maiores (Est. XVIII, n.º 48). Os pesos estão presentes em todas as fases registadas nos dois cortes, sendo possível que tenham sido utilizados, quer como pesos de rede, quer como pesos de tear.

No corte 3 foram encontrados dois machados polidos, um em quartzite (c. IIIa) e outro em xisto (c. IIa) (Est. XVIII, n.º 48).

Os dois únicos trituradores encontrados nas escavações eram de granito e apresentavam uma forma mais ou menos esférica. Um deles provém de camada IIIb do corte 2 e o outro da camada IIIa do corte 3.

Foram ainda identificados dois alisadores feitos com seixos graníticos. Apresentam uma das faces intencionalmente achatada e muito polida (Est. XVII, n.º 44). Procedem das camadas IIIa e IIIf do corte 3.

Como polidor classificámos um seixo comprido, que assinala num dos lados maiores um sulco, com secção semicircular e que parece ter servido para polir, ou aguçar qualquer instrumento, eventualmente o gume de um machado. Foi encontrado na camada IIa do corte 3 (Est. XVIII, n.º 47).

Na camada IIa do mesmo corte foi encontrada uma goiva de quartzite, de grão muito fino, com a extremidade maior muito gasta, aparentando ter sido usada para polir cerâmica (Est. XVIII, n.º 45).

5.3. Metais

Os únicos objectos metálicos encontrados na escavação são dois pequenos punhais de bronze. São peças bastante curtas, de lâmina estreita, de bordos mais ou menos paralelos, com pontas pouco afiladas.

A peça n.º 42 (Est. XVII) foi encontrada no corte 1, numa zona situada já fora do recinto fortificado, contígua ao lado exterior do fosso. Mede 16,5 cm e está completa. Numa das faces nota-se uma nervura vertical, que acompanha praticamente toda a altura da lâmina. Essa

nervura está bastante esbatida na outra face, notando-se dela apenas ténues vestígios. A parte superior, destinada ao encabamento, é arredondada e possui uma perfuração central que conserva ainda restos de um pequeno rebite.

A peça n.º 43 (Est. XVII) apareceu na escavação da camada IIB do corte 2. Está fracturada na parte superior, desconhecendo-se por isso, se possuiria qualquer perfuração. A peça possui duas pequenas chanfraduras, que separam a lâmina propriamente dita da zona do encabamento. Aí a peça é ligeiramente mais estreita e menos espessa. Dois finos sulcos verticais e paralelos definem a zona onde o cabo enfiava na peça.

As duas peças lembram os punhais tipo Porto de Mós, cuja origem permanece ainda em discussão (COFFYN 1984, 199). A repartição destes objectos corresponde sobretudo à região entre Douro e Tejo (COFFYN 1982, carta 40), aparecendo representados no depósito de Monte Crasto, Vila Nova de Perrinho, Vale de Cambra e ainda em Alvaiázere e Pragança (KALB 1980, 46 e 49).

A Norte do Douro encontramos um exemplar semelhante à peça n.º 42 (Est. XVII) no castro de Nogueira (KALB 1980, 42), enquanto que a peça n.º 43 (Est. XVII) parece aproximar-se mais daquelas que foram encontradas no Outeiro do Rego, Lama Chã (idem, 41).

Para além dos dois pequenos punhais, foram ainda encontrados no decorrer das escavações fragmentos de dois cadinhos de fundição que parecem demonstrar o exercício da actividade metalúrgica no povoado.

CRONOLOGIA

Os materiais obtidos na escavação do sector B da citânia de S. Julião podem ser cronológica e culturalmente inseridos no mundo do Bronze Final.

Algumas das formas cerâmicas registadas em S. Julião, sobretudo a forma 5, correspondente a taças carenadas, têm sido assinaladas em vários castros do Norte de Portugal ⁽²⁾. A ocorrência deste tipo de cerâmica, quase sempre relacionada com a louça tipo «Baiões» e «Alpiarça» tem

⁽²⁾ Até ao momento este tipo de cerâmica foi referenciado nos seguintes castros do Norte de Portugal: Roriz, Barcelos (ALMEIDA *et al.* 1980, 29-36); Santo Estevão da Facha, Ponte de Lima (ALMEIDA *et al.* 1980); castro do Peso, Viana do Castelo (SOEIRO 1981, 99-100); castelo de Faria, Barcelos (ALMEIDA 1985, 50-51); Monte do Padrão, Santo Tirso (MARTINS 1985); Castelo de Aguiar, Vila Pouca de Aguiar; castro do Barbudo, Vila Verde; Santa Marta da Falperra, Braga; Alvarelhos, Santo Tirso e Santiago, Chaves.

servido de importante indicador para definir o início da ocupação destes povoados, (SILVA 1983-84, 126; ALMEIDA 1981, 63-64, 89; ALMEIDA 1983, 70-71).

A Sul do Douro podemos encontrar paralelos para a louça de S. Julião, nomeadamente entre os materiais provenientes do castro da Sr.^a da Guia, Baiões (S. Pedro do Sul), cuja ocupação principal pode situar-se no século VIII a.C. (KALB 1974-1977, 141-144; idem 1978, 112-138; idem 1979, 581-590; SILVA 1979, 510-531; SILVA *et al.* 1984, 94; KALB e HÖCK 1985).

A cerâmica em causa pode ainda ser comparada com os materiais provenientes das estações que foram inseridas na chamada «cultura de Alpiarça» atribuída por alguns à Idade do Ferro (séculos. V-IV a.C.) (MARQUES e ANDRADE 1974, 147), mas inserida por outros nos séculos imediatamente anteriores.

Por outro lado, as duas peças metálicas obtidas na escavação e relacionadas com aquela cerâmica, podem ser tipologicamente inseridas no Bronze Final Atlântico II, ou seja num período compreendido entre 900-700 a.C., segundo a sistematização proposta por A. COFFYN (1982, 195-199).

Este enquadramento cultural do espólio de S. Julião é plenamente confirmado pelas duas datas absolutas, obtidas por C. 14, para a ocupação do sector B.

A 1.^a amostra (GIF — 6993), recolhida na base do talude defensivo, num nível de carvões, que corresponde à zona superior da camada estéril que cobre a arena granítica, forneceu uma data de 2840 ± 80 bp = 890 ± 80 a.C..

O nível em questão situava-se a cerca de 1,50 m do nível do solo actual e encontrava-se perfeitamente selado pelo talude. A data obtida assinala assim um *terminus post quem* para a construção da estrutura.

O abundante material carbonizado presente neste nível composto, quer por fragmentos de grandes troncos, quer por outros bastante finos, eventualmente pertencentes a arbustos, parece indicar como já sugerimos atrás, que este nível terá resultado de uma queimada, feita no local, a fim de o limpar da vegetação. Parece-nos, por isso, legítimo admitir que a data obtida para esta amostra possa aproximar-se da data de construção da muralha.

A 2.^a amostra (GIF — 7013) forneceu uma data de 2750 ± 60 bp = 800 ± 60 a.C.. Foi recolhida na área habitacional do povoado, no corte 3, num nível situado aproximadamente entre 50 e 60 cm abaixo da superfície do solo actual. O carvão analisado fazia parte de um conjunto de materiais carbonizados, que cobria parte do solo C1, por nós

inserido na 2.^a fase de ocupação registada neste corte. Esta data estabelece assim um *terminus ante quem* para o pavimento e conseqüentemente para a ocupação anterior.

As duas datas obtidas revelaram-se bastante coerentes e recobrem-se estatisticamente, não sendo significativa a pequena diferença entre elas.

Considerando a amplitude máxima do desvio padrão da data da 1.^a amostra, podemos situar a construção do talude entre 970 e 810 a.C., ou seja, entre os séculos X e IX a.C.. O desvio padrão da 2.^a amostra, mais pequeno, permite por outro lado, considerar que a 2.^a fase de ocupação registada no corte 3, se situará entre 860 e 740 a.C., ou seja entre os séculos IX e VIII a.C..

As duas datas não permitem assim estabelecer uma cronologia fina para as diferentes fases definidas na escavação. Elas ajudam-nos apenas a situar, com alguma precisão, a construção do talude, que pode ser colocada entre os séculos X e IX a.C. e com a qual podemos relacionar a 1.^a fase de ocupação observada neste sector do monte. Do mesmo modo, podemos ainda admitir que a 2.^a fase de ocupação se desenvolverá ao longo dos séculos IX e VIII a.C.. A data de 800 ± 60 a.C., obtida para o nível que cobre o pavimento C1, que marca o fim da 2.^a fase, permite, por outro lado, considerar que a 3.^a fase do sector possa corresponder ao século VII a.C..

Não podemos, no entanto, fixar com rigor a duração de qualquer dessas fases, uma vez que necessitaríamos de um número bastante mais significativo de datas para esse efeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendeu-se fornecer com este trabalho uma ideia precisa, ainda que breve, das características reveladas pelo pequeno povoado do Bronze Final por nós estudado no monte de S. Julião.

A situação topográfica do povoado, as suas claras preocupações defensivas, o espólio exumado, bem como a cronologia obtida, permitem esboçar um modelo de habitat que deverá assemelhar-se em linhas gerais ao de outros povoados, que na mesma época terão visto a sua origem na região do NO português e que se irão desenvolver ao longo da Idade do Ferro. Julgamos, por isso, que os resultados aqui divulgados não só contribuem para ampliar os conhecimentos relativos à ocupação deste território durante a 1.^a metade do 1.^o milénio, como permitem colocar algumas questões que deverão no futuro ser resolvidas pela arqueologia.

O povoado de S. Julião corresponde a uma solução geo-estratégica particular. A sua localização na zona mais alta do monte, exposto ao vale e numa situação topográfica que permitia um fácil controlo e acesso a um curso de água importante, sugere a existência de duas preocupações evidentes: por um lado, uma necessidade de defesa, parcialmente satisfeita pelas próprias características do monte, bastante escarpado na parte que pende para o vale e pela construção de uma fortificação, nos sítios mais vulneráveis do cabeço; por outro lado, a necessidade, ou o objectivo, de controlar um curso de água importante (o rio Homem) e a sua ampla bacia.

Soluções topográficas semelhantes parecem caracterizar a grande maioria dos povoados desta região, nos quais têm sido detectados vestígios relacionados com o Bronze Final. Para só citar alguns casos, basta-nos referir os povoados de Roriz (ALMEIDA *et al.* 1980, 29-36) e Faria (ALMEIDA 1985, 50-51), ambos em Barcelos e pertencentes à bacia do Cávado, ou os castros do Monte do Padrão (MARTINS 1985) e de Alvarelos, em Santo Tirso, integrados na bacia do Ave.

A cronologia obtida para a instalação do povoado de S. Julião, bem como o seu espólio, colocam, no entanto, o problema de terem existido na mesma época outros povoados, que correspondem a diferentes modelos de organização. Embora os dados actualmente disponíveis sejam escassos, uma vez que não dispomos de um quadro cronológico seguro para os povoados onde têm sido assinalados produtos caracterizados como pertencentes ao Bronze Final, julgamos ser legítimo chamar a atenção, pelo menos, para o caso do povoado da Bouça do Frade, Baião, que possui materiais cerâmicos perfeitamente inseríveis nessa época. Para além desses materiais, as três datas de C.14 obtidas para o referido povoado, (JORGE 1985, 161), permitem admitir a contemporaneidade dos últimos momentos da sua ocupação com a de S. Julião.

O povoado da Bouça do Frade não só não revela qualquer preocupação defensiva evidente, como pode ser considerado um povoado de montanha, ligado a uma economia de base agrícola (JORGE 1985, 176) e cuja localização estratégica em relação a um curso de água importante parece pouco significativa.

Tendo em consideração apenas o caso dos povoados de S. Julião e da Bouça do Frade e comparando-os, parece-nos evidente considerá-los como correspondendo a dois modelos distintos de ocupação do território, coexistentes, pelo menos temporariamente. O povoado da Bouça do Frade corresponderá basicamente a um habitat do Bronze Médio e Final, tendo provavelmente sido abandonado no século VIII (JORGE 1985, 176).

O povoado de S. Julião representa um tipo de habitat que poderá ter-se generalizado nos inícios do 1.º milénio, representando uma solução mais adaptada à necessidade de defesa e a uma melhor situação estratégica, em relação aos cursos de água importantes.

Só o desenvolvimento da arqueologia, bem como a publicação dos dados já obtidos em povoados que forneceram materiais do Bronze Final, poderão permitir caracterizar com maior exactidão os próprios sítios e contribuir assim para analisar mais pormenorizadamente um processo tão complexo como parece ter sido a mudança de estratégia de ocupação registada no período em causa, bem como evidenciar outras soluções de povoamento eventualmente ensaiadas nessa mesma época.

As razões que podem explicar essa mudança parecem-nos, por outro lado, ainda bastante obscuras, sendo necessário obter um quadro cronológico bastante mais preciso, para se poderem esboçar hipóteses explicativas mais coerentes. De qualquer modo as respostas estão relacionadas com o desenvolvimento da pesquisa numa área cronológica e cultural até à pouco conhecida, na região do NO português, apenas por um conjunto de artefactos metálicos e cerâmicos, sem contextos precisos.

Um outro aspecto que julgamos poder salientar a propósito dos resultados obtidos no povoado de S. Julião diz respeito às características do seu espólio cerâmico. Parece evidente a semelhança entre os materiais de S. Julião e o espólio datável da mesma época, doutras regiões peninsulares, não só a nível morfológico, como ainda a nível decorativo, ou mesmo de soluções técnicas de acabamento.

Para além de claras influências meridionais, observáveis na cerâmica fina carenada, encontramos, entre a cerâmica grosseira, formas, fabricos, técnicas e temas decorativos, que aproximam o conjunto dos materiais de S. Julião daqueles que encontramos na Estremadura portuguesa (MARQUES e ANDRADE 1974, 125-148) e na Estremadura espanhola, exactamente na mesma época (ALMAGRO-GORBEA 1977).

Numa primeira análise podemos considerar que a comunidade que se instalou em S. Julião é herdeira de uma tradição cultural estruturada a partir de um amplo contacto existente entre esta região do NO e outras áreas peninsulares e que se deve ter desenvolvido ao longo de grande parte da Idade do Bronze.

Assim, ao invés de assinalarmos nos materiais de S. Julião um acentuado regionalismo, manifestando ou adivinhando já as particularidades que caracterizarão a chamada cultura castreja do NO, julgamos antes poder admitir que essas particularidades se estruturarão posteriormente e provavelmente na sequência de um crescente isolamento destas pequenas comunidades acantonadas no alto dos montes.

Se a origem da cultura castreja do NO pode e deve mesmo ser procurada no conjunto de pequenos povoados que, como o de S. Julião caracterizam uma nova forma de adaptação das comunidades ao meio ambiente, a verdade é que a nível da cultura material não é ainda possível observar qualquer originalidade específica deste território, quer nas soluções de defesa encontradas, quer nas características organizativas do espaço habitacional, quer ainda na cerâmica, que regista uma manifesta familiaridade com a de outras regiões peninsulares.

Pensamos, contudo, que só o desenvolvimento da investigação poderá permitir alargar o conhecimento sobre as comunidades do Bronze Final desta região e conseqüentemente favorecer uma maior compreensão da sua identidade na transição para a Idade do Ferro ⁽³⁾.

RESUMO

Apresentam-se alguns resultados sobre a ocupação mais antiga da citânia de S. Julião, em Vila Verde, que remonta ao Bronze Final.

Merecem destaque, a localização e o sistema de implantação do povoado, que ocupa a parte mais alta do monte, a estrutura defensiva, constituída por um talude e por um fosso e as cabanas de planta circular.

As duas datas absolutas obtidas por C. 14 (890 ± 80 a.C. e 800 ± 60 a.C.), respectivamente para a construção da muralha e para um dos níveis de ocupação de uma das cabanas, revelam-se bastante coerentes com a cerâmica e os metais encontrados.

RÉSUMÉ

On présente les résultats concernant l'occupation plus ancienne de la citânia de S. Julião, à Vila Verde, qui remonte au Bronze Final.

On analyse la localisation et le système d'implantation du site, situé au sommet du mont, la structure défensive, formée par un talus et par un fossé, et les cabanes en plan circulaire.

Les deux datations de C 14 (890 ± 80 a.C. et 800 ± 60 a.C.) obtenues, respectivement pour la construction de la muraille et pour un des niveaux d'occupation d'une des cabanes, sont cohérentes avec le mobilier céramique et métallique qui y a été trouvé.

⁽³⁾ Os desenhos dos cortes são da responsabilidade de Luís Fernando Fontes, técnico do Museu D. Diogo de Sousa e de Quenor Rocha, desenhador da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. O espólio foi desenhado por Maria Felismina Vilas Boas.

ABSTRACT

The author presents the results concerning the oldest occupation of the hill-fort of S. Julião, Vila Verde, dated from the Late Bronze Age.

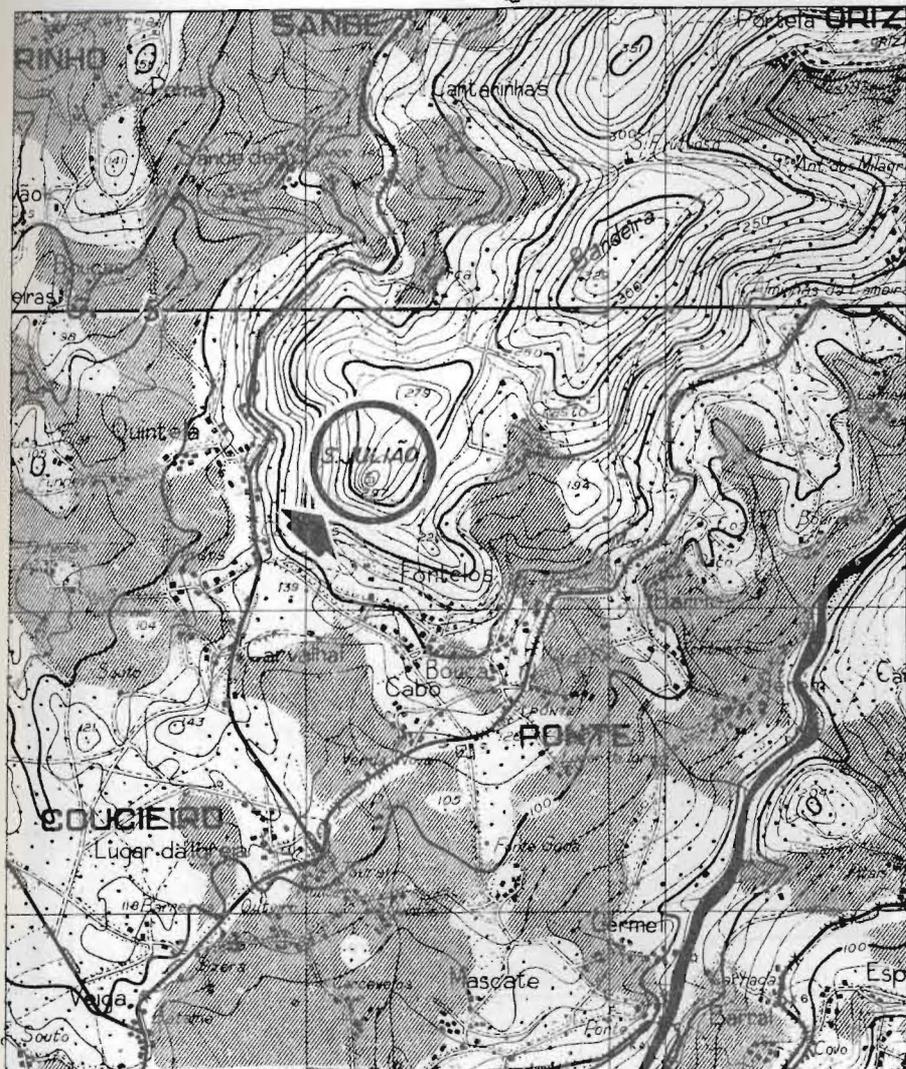
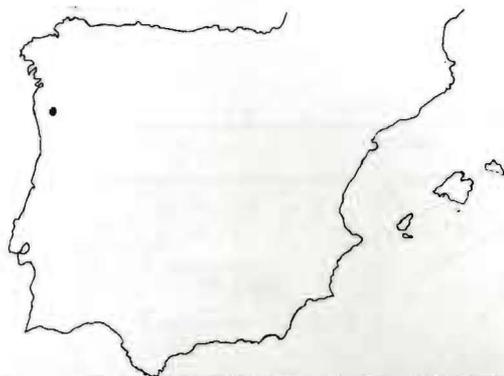
The description stresses the localization and the nature of the site, occupying the top of the hill, the defense system, characterized by a earth wall and a ditch, and the huts with a round plan.

The two C 14 dates (890 ± 80 a.C. and 800 ± 60 a.C.), one for the wall construction, and the other for an occupation level of one hut, are consistent with the pottery and the metal artifacts founded in the excavations.

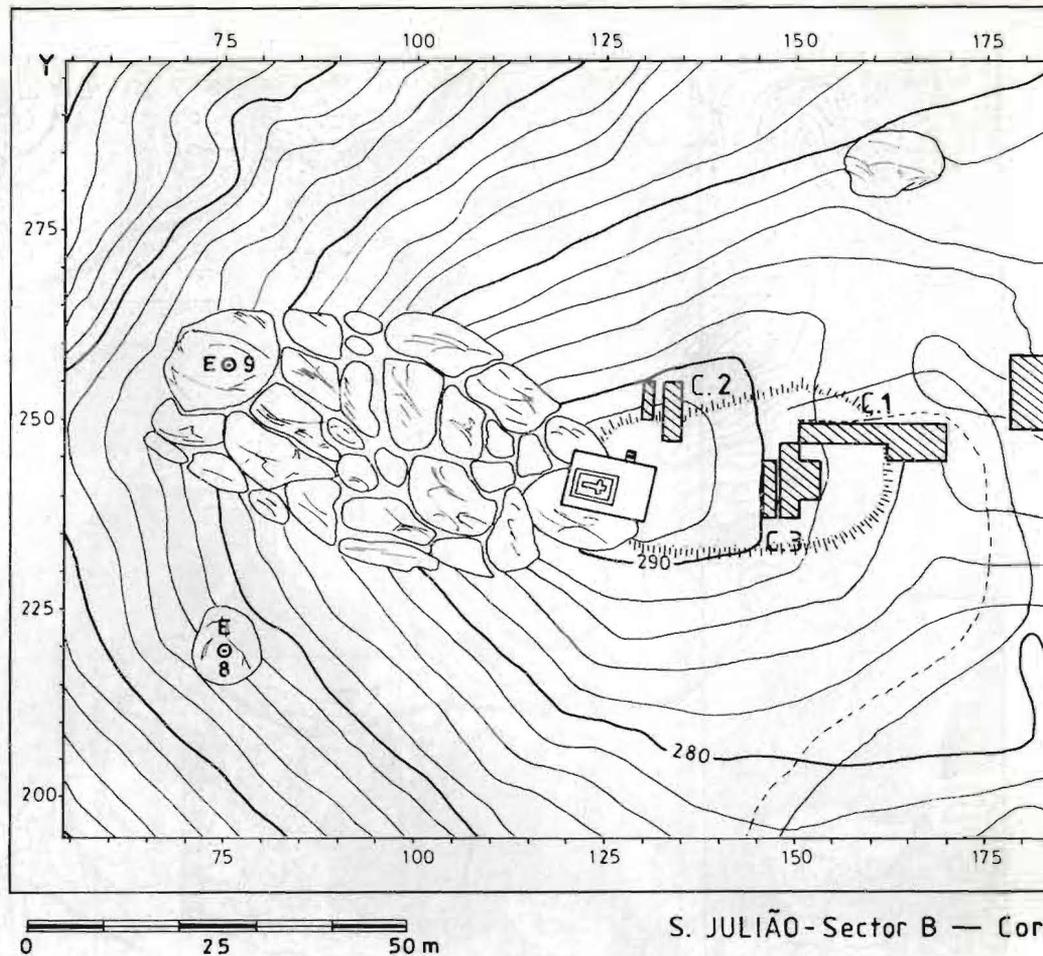
BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Adília (1958) — Sigillata hispânica em Museus do Norte de Portugal, *Revista de Guimarães*, LXVIII, n.ºs 3-4, Guimarães, pp. 249-310.
- ALMAGRO-GORBEA, Martin (1977) — *El Bronce Final y el Período orientalizante en Extremadura*, Bibliotheca Praehistorica Hispana, XIV, Madrid.
- ALMEIDA, C. A. Brochado de e M. Teresa Soeiro (1980) — Sondagens nos castros de Abade do Neiva e Roriz (Barcelos, 1978), *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, II, Guimarães, pp. 29-36.
- ALMEIDA, C. A. Brochado de (1985) — Castelo de Faria — 1982. Barcelos, *Informação Arqueológica*, 5, Lisboa, pp. 50-51.
- ALMEIDA, C. A. Ferreira de, Teresa Soeiro, C. A. Brochado de Almeida e A. J. Baptista (1981) — *Escavações arqueológicas em Santo Estevão da Facha*, Sep. do Arquivo de Ponte de Lima, Ponte de Lima.
- ALMEIDA, C. A. Ferreira de (1983) — Cultura Castreja. Evolução e problemática, *Arqueologia*, 8, Porto, pp. 70-74.
- BELINO, Albano (1909) — Cidades Mortas, *O Arqueólogo Português*, 14, Lisboa, pp. 1-28.
- CALO LOURIDO, F. e X. C. Sierra Rodriguez (1983) — As orixenes do castrexo no Bronze Final, *Estudios de Cultura Castrexa e de Historia Antiga de Galicia*, Santiago de Compostela, pp. 19-85.
- COFFYN, A. (1982) — *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*, Bordéus (versão policopiada).
- COSTA, A. Carvalho da (1868) — *Corografia Portuguesa*, I, 2.^a ed., Braga.
- DEDET, B e Michel PY (1975) — *Classification de la Céramique non tournée protohistorique du Languedoc Méditerranéen*, Revue Archéologique de Narbonnaise, Suppl. 4, Diffusion du Bocard, Paris.
- DELIBES DE CASTRO, G., J. F. Manzano, F. R. Carnicero e R. Martin Valls (1984) — *Historia de Castilla y Leon. I La Prehistoria del Valle del Duero*, Ambito Ed. S.A.
- EIROA, Jorge Juan (1980) — Notas sobre la cronologia de los castros del Noroeste de la Peninsula Ibérica, *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, I, Guimarães, pp. 71-84.

- FONTES, Joaquim (1919) — La Station de S. Julião aux environs de Caldelas, *Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles*, VII, Lisboa, pp. 198-210.
- FREITAS, João de (1971) — Citânia de S. Julião de Caldelas, *O Arqueólogo Português*, 3.^a série, n.º 5, Lisboa, pp. 133-138.
- JORGE, Susana Oliveira (1985) — Datas de carbono 14 para a Pré-história recente do Norte de Portugal. Os dados e os problemas *Arqueologia*, 12, Porto, pp. 154-183.
- KALB, Philine (1974-77) — Uma data de C. 14 para o Bronze Atlântico, *O Arqueólogo Português*, 3.^a série, 7-9, Lisboa, pp. 141-144.
- (1978) — Senhora da Guia, Baiões. Die Ausgrabungen auf einer Hohensiedlung der Atlantischen Bronzezeit in Portugal, *Madrider Mitteilungen*, 19, Madrid, pp. 112-138.
- (1979) — Contribucion para el estudio del Bronce Atlantico: excavaciones en el castro «Senhora da Guia» de Baiões (concelho de S. Pedro do Sul). *Cronica del XV Congreso Arqueologico Nacional, Lugo, 1977*, pp. 581-590.
- (1980) — Zur Atlantischen Bronzezeit in Portugal, *Germania*, 58, pp. 25-59.
- KALB, P. e Martin Höck (1985) — *Cerâmica da Senhora da Guia, Baiões e peças comparáveis do Sul de Portugal na exposição «Cerâmica de Alpiarça». Suplemento ao catálogo*. Viseu.
- LEAL, Pinho (1874) — *Portugal Antigo e Moderno*, Lisboa.
- LLANOS, A. e J. I. Vegas (1974) — Ensayo de un método para el estudio y classificacion tipológica de la ceramica, *Estudios de Arqueologia Alavesa*, VI, pp. 265-313.
- MALUQUER DE MOTES, J. (1975) — Formación y desarrollo de la Cultura castreña, *I Jornadas de Metodologia Aplicada de las Ciencias Históricas*, I, Santiago, pp. 269-284.
- MARTINS, Manuela (1984) — A citânia de S. Julião, Vila Verde. Primeiras sondagens, *Cadernos de Arqueologia*, série II, n.º 1, Braga, pp. 11-27.
- (1985) — Sondagens arqueológicas no castro do Monte do Padrão, em Santo Tirso, *Cadernos de Arqueologia*, série II, n.º 2, Braga (no prelo).
- (1986) — Duas datas de C14 para a ocupação do Bronze Final da citânia de S. Julião, em Vila Verde, *Arqueologia*, 13, Porto, pp. 159-160.
- MARQUES, Gustavo e M. de Andrade (1974) — Aspectos da proto-história do território português. 1 — Definição e distribuição geográfica da cultura de Alpiarça (Idade do Ferro), *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*, Porto, pp. 125-148.
- QUEIROGA, Francisco (1984) — Escavações arqueológicas em Castelo de Matos — Notícia preliminar, *Arqueologia*, 9, Porto, pp. 105-116.
- SILVA, C. Tavares da (1979) — O castro de Baiões (S. Pedro do Sul), *Beira Alta*, 38, 3, Viseu, pp. 510-531.
- SILVA, A. Coelho F. da, Celso T. da Silva e A. Baptista Lopes (1984) — Depósito de fundidor do final da Idade do Bronze do castro da Senhora da Guia (Baiões), S. Pedro do Sul, Viseu, *Lucerna*, Homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão, Porto, pp. 73-95.
- SOEIRO, Teresa (1981) — Castro de Peso em Santa Leocádia de Geraz de Lima, *Arqueologia*, 3, Porto, pp. 99-102.
- TEIXEIRA, C., A. C. de Medeiros e J. Teixeira Lopes (1975) — *Notícia explicativa da folha 5-B (Ponte da Barca) da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50.000*, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.



Localização da citânia de S. Julião na carta 1:25.000 dos S.C.E., folha n.º 42.



Planta topográfica parcial do monte de S. Julião (Esc. 1:500).



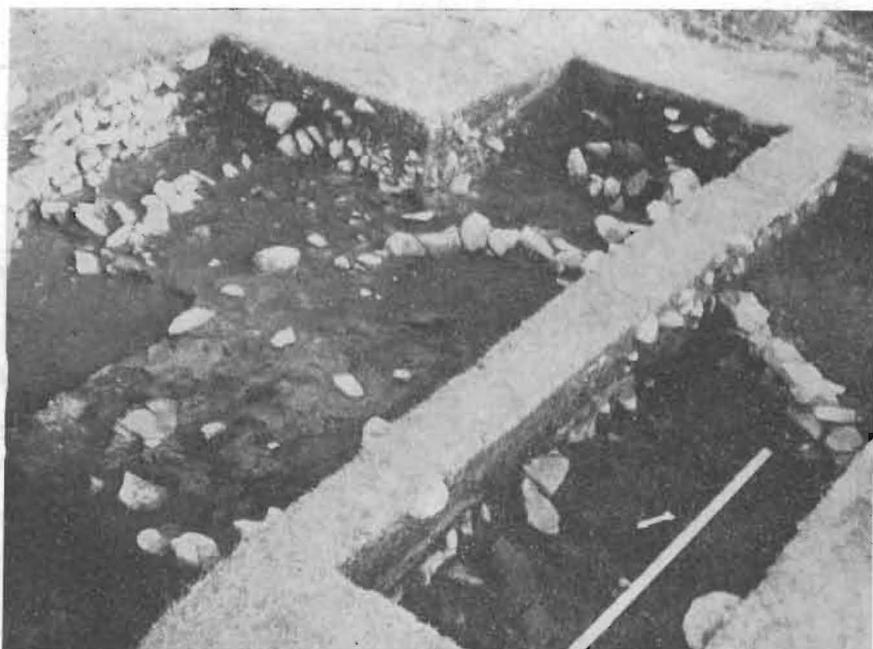
Perspectiva do tabuleiro superior do monte.



Panorâmica da área correspondente ao corte 3.



Corte 3. É visível o murete de pedra que limita o lado interno do talude.



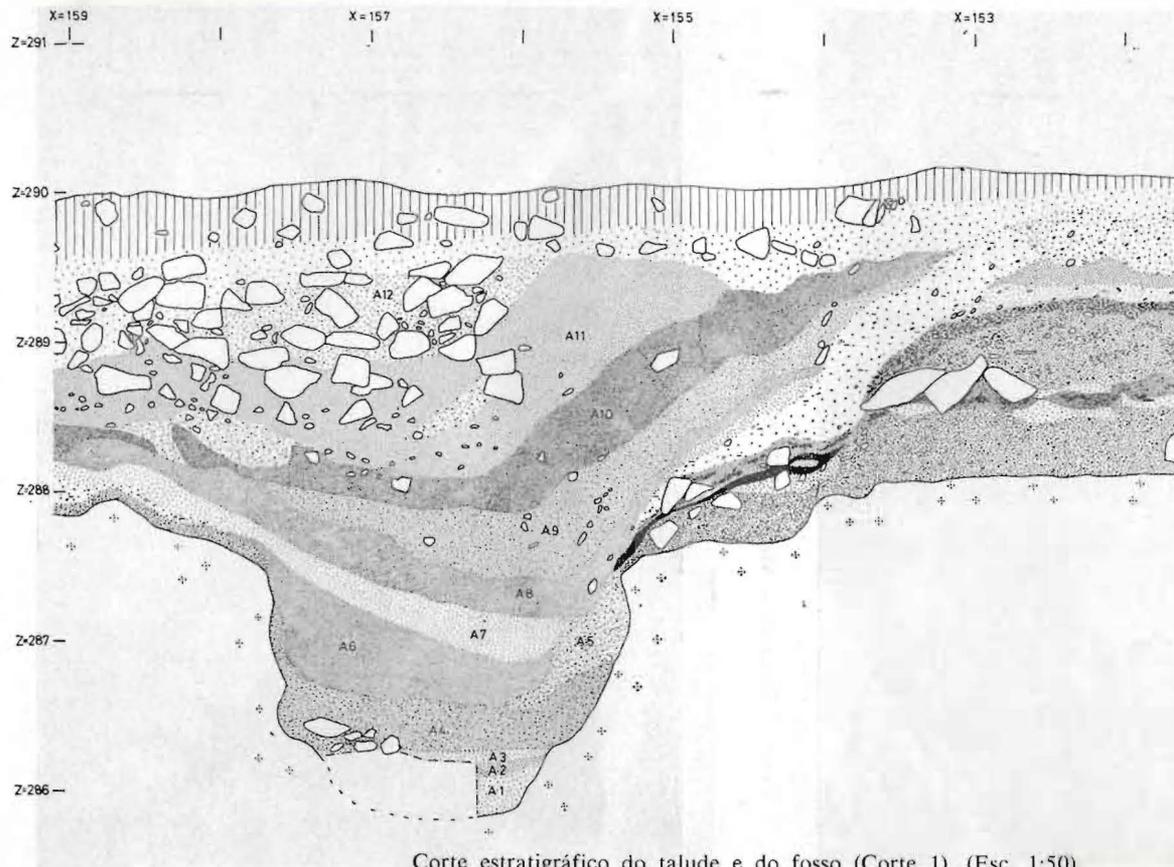
Corte 3. São visíveis os aros de pedra que delimitam os solos das cabanas 1 (ao centro) e 2 (à direita).



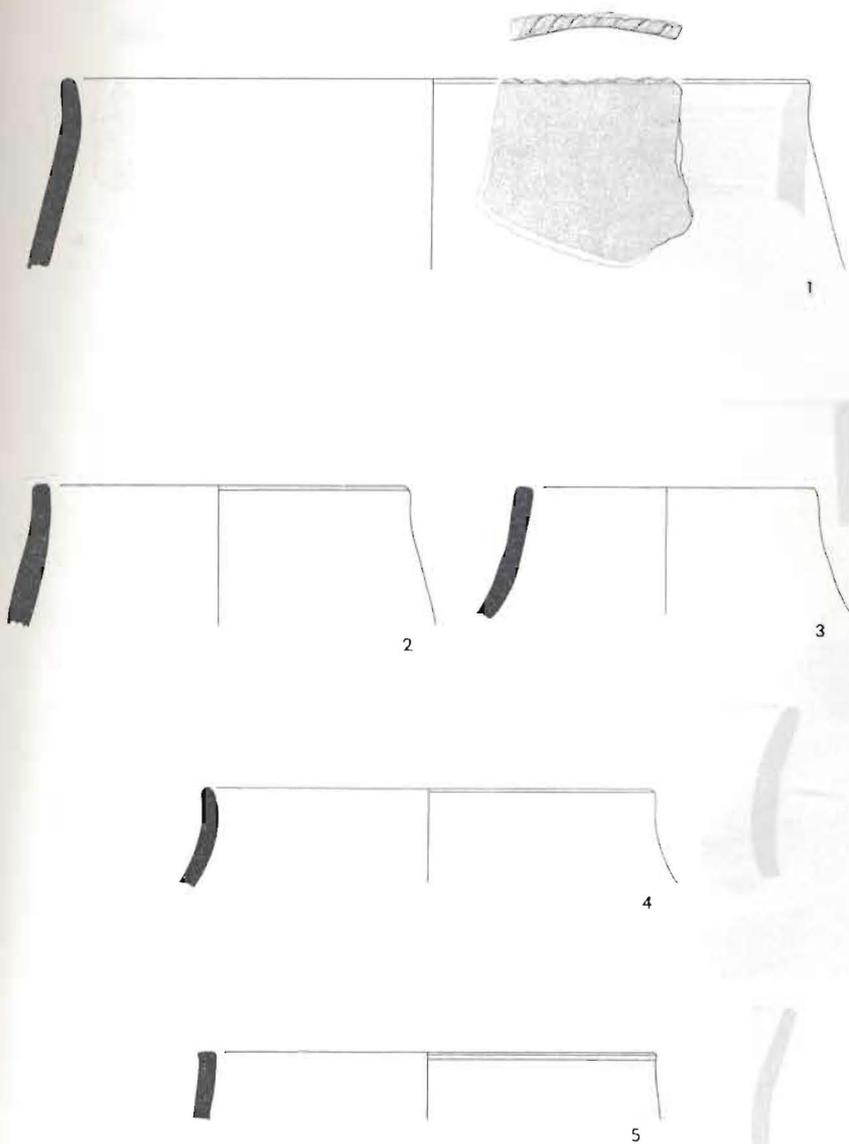
Corte 3. Perspectiva, vista de SE, de parte do solo C2 da cabana 1.



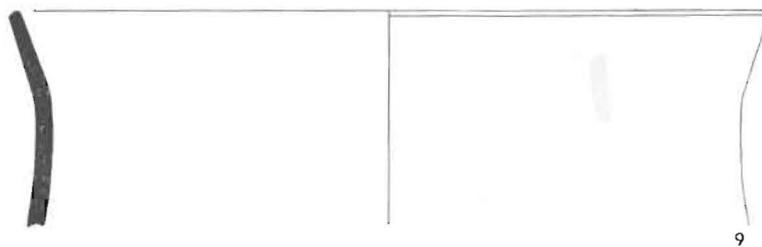
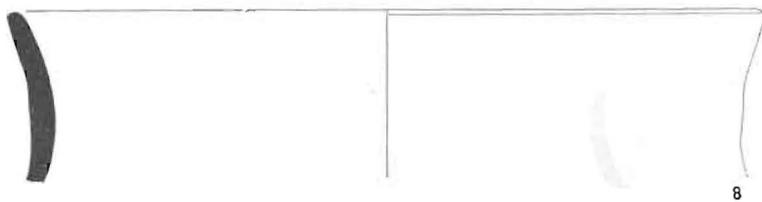
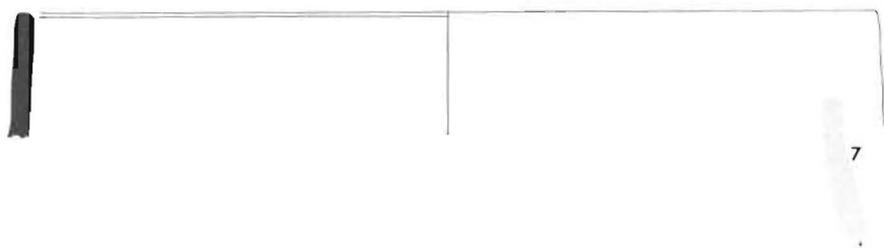
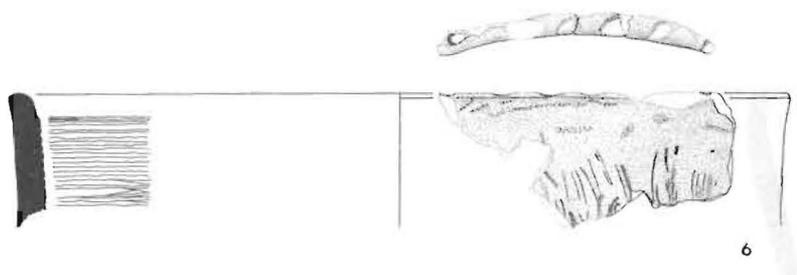
Corte 3. Solo C2, visto de NO.



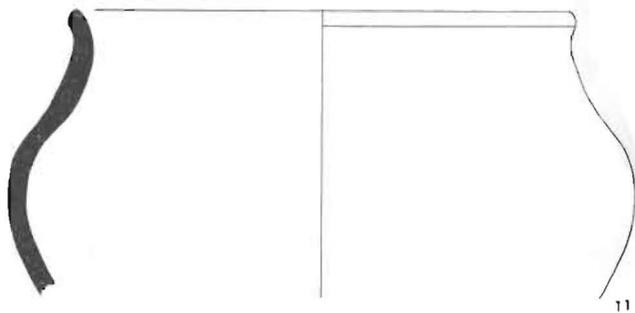
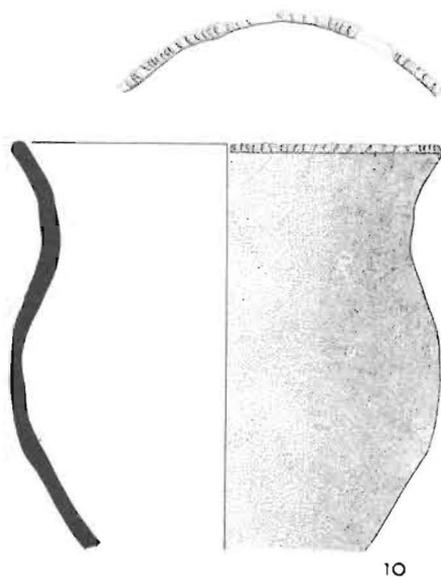
Corte estratigráfico do talude e do fosso (Corte 1). (Esc. 1:50).



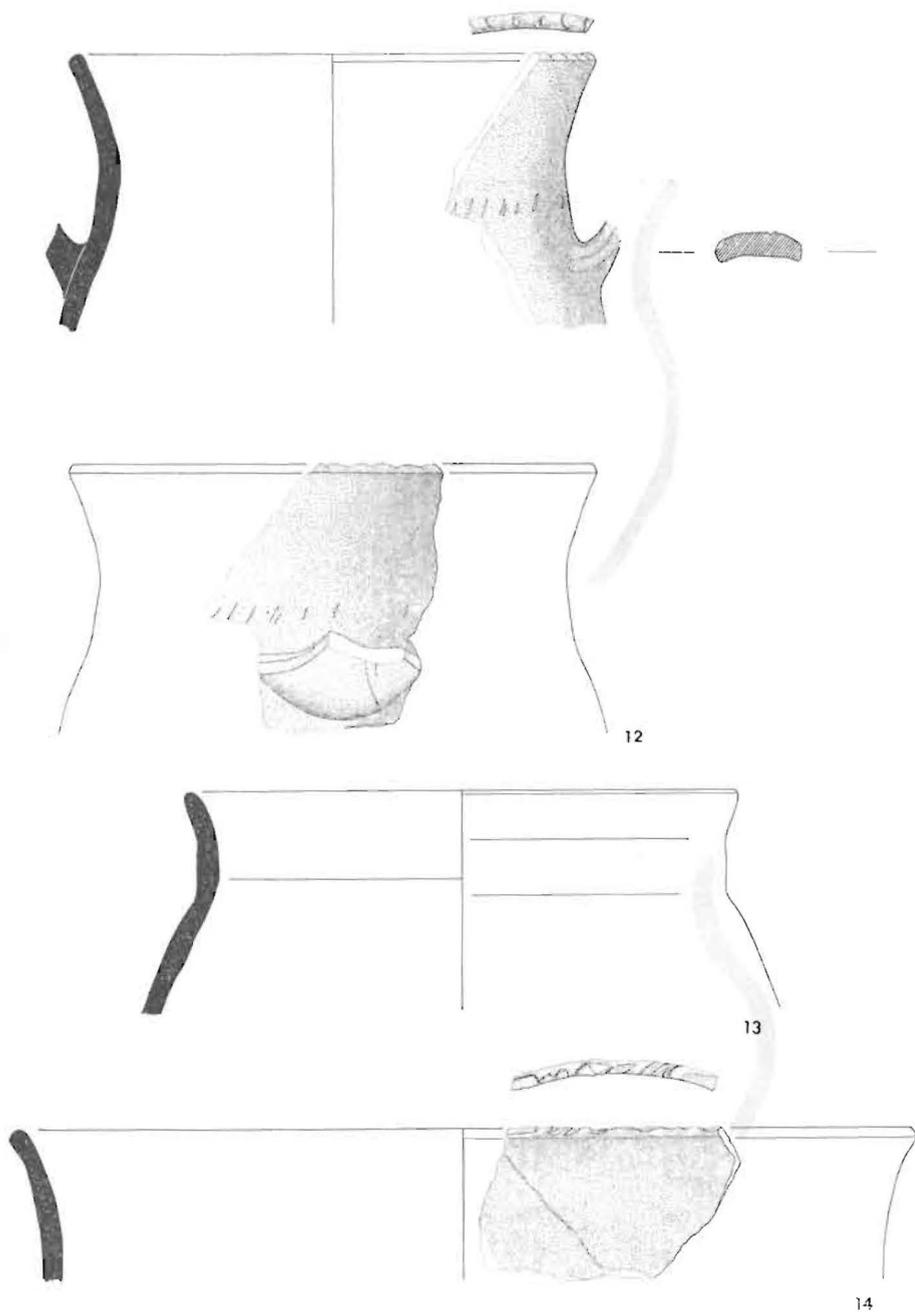
Forma 1 (Esc. 1/3).



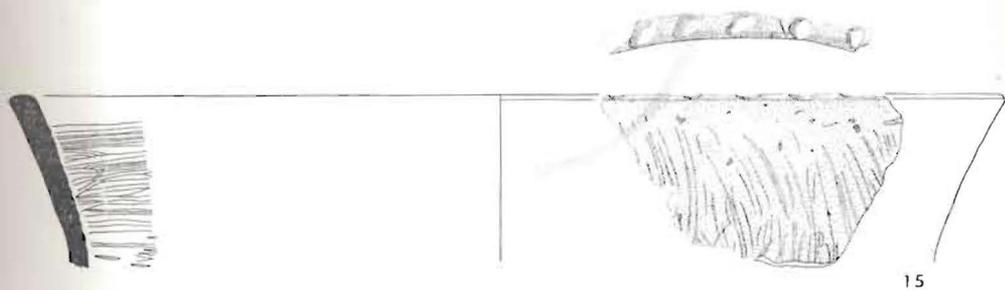
Forma 1 (6 e 7) e forma 2 (8 e 9) (Esc. 1/3).



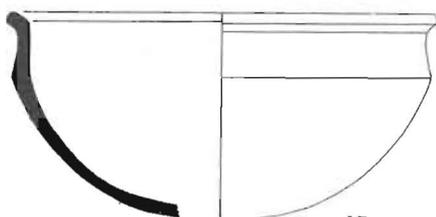
Forma 2 (Esc. 1/3).



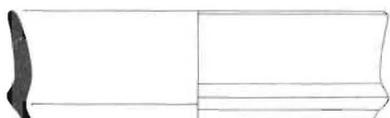
Forma 2 (Esc. 1/3).



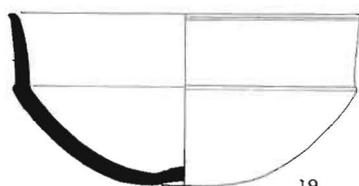
Forma 3 (Esc. 1/3).



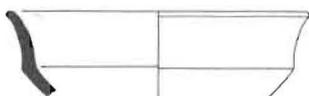
17



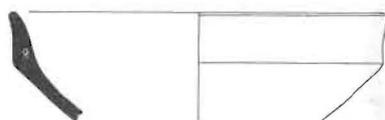
18



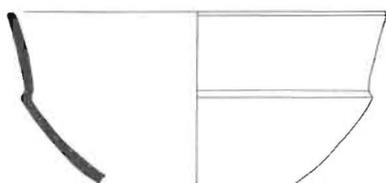
19



20

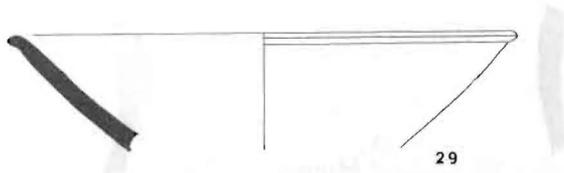
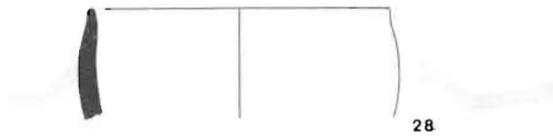
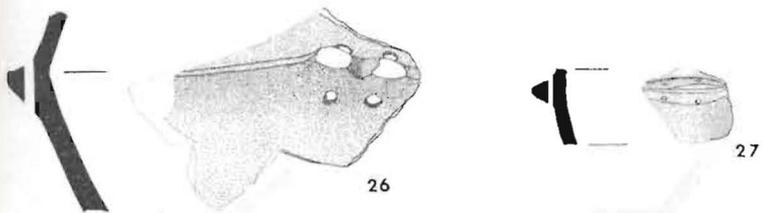
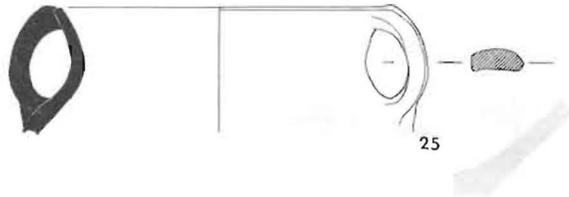


21

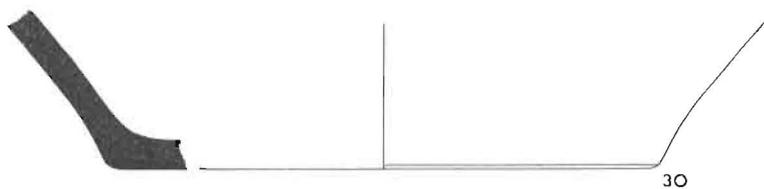


22

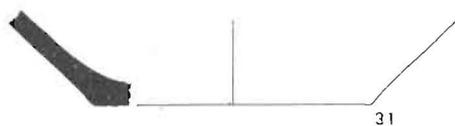
Forma 5 (Esc. 1/3).



Forma 4 (23 a 25), forma 5 (26 e 27), forma 6 (28) e forma 7 (29) (Esc. 1/3).



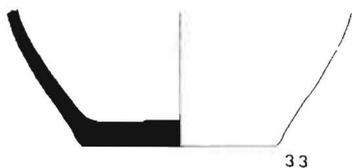
30



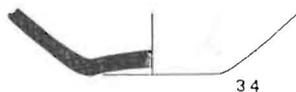
31



32



33



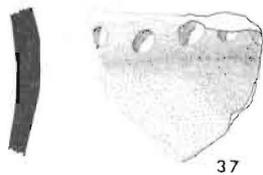
34



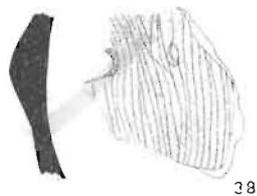
35



36

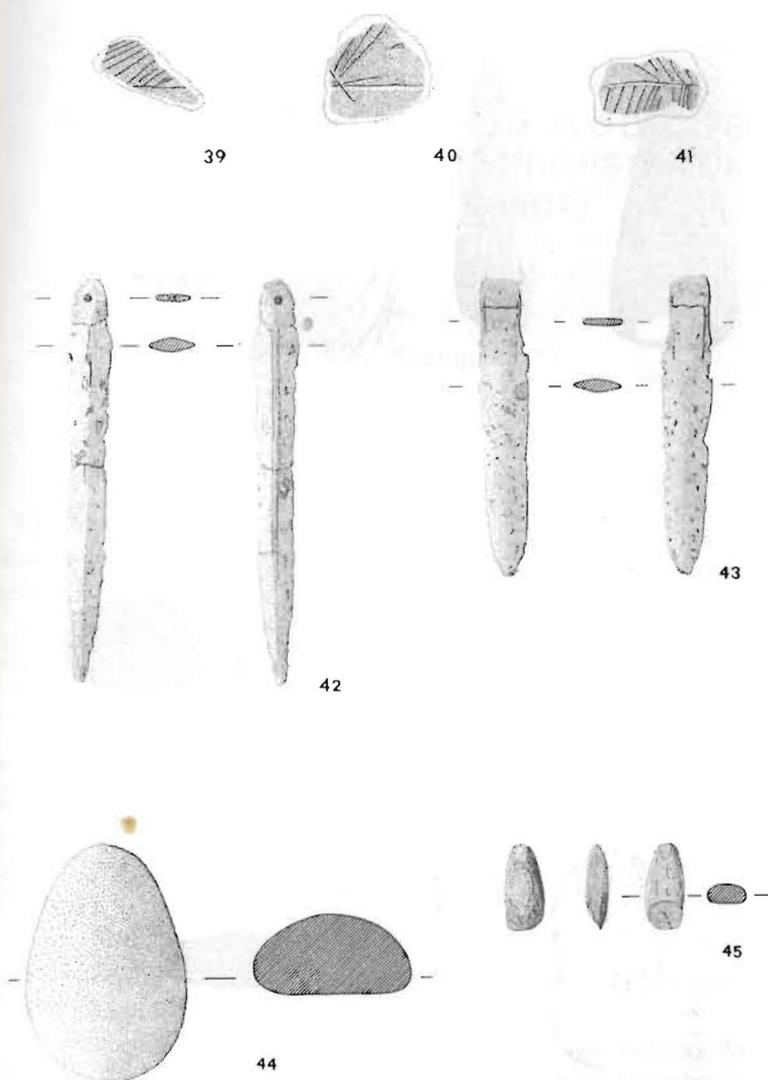


37

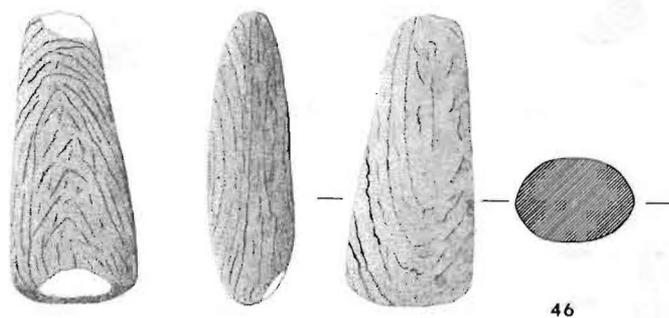


38

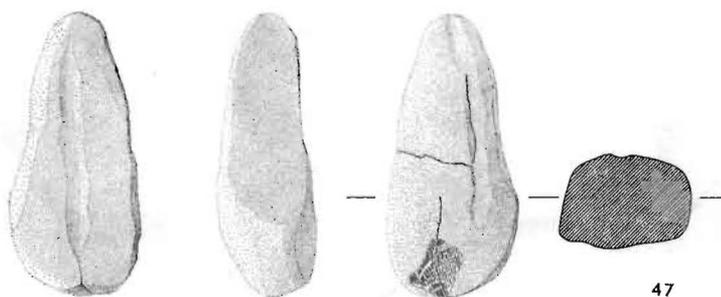
Variantes de bases (30 a 36) e decorações (37 e 38). (Esc. 1/3).



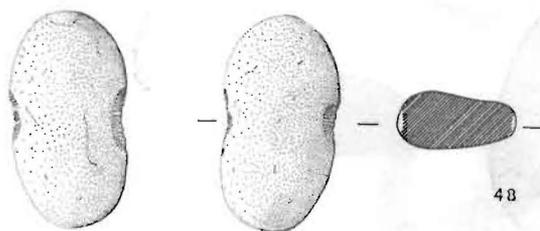
Decorações (39 a 41 — Esc. 1/2); punhais de bronze (42 e 43)
e objectos líticos (44 e 45). (Esc. 1/3).



46



47



48

Objetos líticos (Esc. 1/3).